

**Seção: Artigo de
Conferência ao vivo (STIS)**

**Trilha: Educação e
Tecnologia**

Fábio dos Santos Coradini
Doutorando do Programa de Pós-
Graduação em Educação (PPGEduc)
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro
Grupo de Pesquisa Docência e
Cibercultura (GPDOC/UFRRJ)
fabioradini@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8134-5523>
<http://lattes.cnpq.br/4179413222793488>

Este trabalho está licenciado com uma
licença *Creative Commons* Atribuição
4.0 Internacional



Esta licença permite que os/as
usuários(as) do seu material possam
distribuir, remixar, adaptar e criar a
partir do material criado por você,
mesmo que seja para fins comerciais,
mas desde que quem usar atribua o
devido crédito pela autoria inicial da
obra.



CIENTISTAS TRANS/TRAVESTIS: desafios na ciência brasileira

Resumo

Este artigo tem como pressuposto apresentar os resultados da minha pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) sob orientação da Professora Dra Edmea Oliveira dos Santos. A pesquisa inicial se propôs a realizar uma etnografia online vivenciando uma ciberpesquisa-formação na cibercultura, com quatro mulheres trans, cientistas e que utilizam o Instagram como mecanismo de divulgação científica, política e social. O objetivo foi compreender como estas praticantes produziam ciência da rede, contextualizando e apresentando as suas produções, as quais se constituem em uma epistemologia trans/travesti. Os resultados alcançados estão fundamentados na importância das autorias destas cientistas e o quanto ainda a Universidade precisa avançar em termos de inclusão, para que a ciência produzida por estas cientistas possam habitar os processos de aprendizagem acadêmico.

Palavras-chave: cientistas trans/travestis, epistemologias trans/travesti, ciência brasileira, ciberpesquisa-formação, cibercultura.

1 Introdução

Vou abrir a introdução deste texto, rompendo com a normatividade do uso apenas da terceira pessoa, então em muitos momentos estarei “eu” pesquisador dialogando com as cientistas trans/travesti¹ do meu referencial em primeira pessoa. Cabe destacar que os termos “trans/travesti” aparecerão no texto juntos, pois o termo “travesti” necessita ser pontuado como ato político de um corpo marginalizado e (des)humanizado socialmente, enquanto transexualidade refere-se a uma identidade de gênero feminina ou masculina.

Ao ser convidado para participar deste Congresso Internacional, busquei retomar lacunas que ficaram em aberto na minha pesquisa de Mestrado, e que junto comigo, avançaram para o Doutorado, porém ainda não tinham recebido um tratamento científico decorrente dos resultados da minha pesquisa intitulada “Currículo Ciberqueer: autorias LGBTQIA+ na cibercultura” (Coradini, 2022). No transcurso do meu Mestrado, habitando o meu grupo de pesquisa, Grupo Docência e Cibercultura, pude vivenciar uma experiência singular e única que foi realizar uma pesquisa em dois movimentos, entendendo que pesquisa os fenômenos educacionais na rede, é vivenciar a cibercultura e deslocar os achados da pesquisa para a sala de aula, é realizar uma ciberpesquisa-formação.

A ciberpesquisa-formação na cibercultura, permite que nós, pesquisadores da tecnologia em educação façamos diversos movimentos que jamais caminharão separados do território, ou seja, a pesquisa acontece no online e na cidade, em movimento ubíquo e com rigor acadêmico. Neste sentido, precisamos compreender que a cibercultura (Santos, 2014, 2019) é a cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade-ciberespaço. Logo, novos arranjos *espaçotemporais* emergem e com eles novas práticas educativas.

Durante a investigação foram etnografadas quatro cientistas trans/travestis: Professora Doutora Alessandra Primo “Alê Primo” (UFRGS), Professora Doutora Joyce Alves “Jô Alves” (UFRRJ), Professora Mestra Sara Wagner York “Sara Wagner” (UERJ) e a ativista e articuladora política da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), Bruna Benevides. Todas as cientistas trans/travesti que forem citadas neste texto, serão apresentadas com seus nomes

1 Para a contextualização deste artigo, os termos “trans/travesti” serão pautados no termo guarda-chuva “transgeneridades”, que englobam mulheres trans e travestis, homens transmasculinos e pessoas não-binárias.

completos, mesmo que isso se oponha ao que normatiza a ABNT, pois atos como estes se tornam políticos, quanto na sua prática buscam subversão e rompimento da abjeção científica. O maior objetivo desta pesquisa, foi compreender o que estas cientistas produziam nas redes, como construíam suas autorias e epistemologias, cunhadas em um rigor científico de qualidade, porém, não acessam a universidade, ou seja, seus textos, artigos, pesquisas não habitam a sala de aula enquanto parte do processo de ensino e aprendizagens.

2 Etnografando Cientistas Trans/Travestis

Nesta etnografia, que teve como campo e contexto o Instagram, busquei observar as práticas e autorias das cientistas trans/travestis, Dra Alê Primo, Dra Jô Alves, Mestra Sara Wagner e Bruna Benevides, e como por meio destes múltiplos usos, essas mulheres se formavam e também formavam os outros em rede. Pode parecer ambíguo, mas a construção de autoria se perfaz no movimento com o outro e as formações que surgem nesta relação.

Faz-se necessário explicar o sentido da “rede” nesta pesquisa, pois se tratam de um movimento mais humanizado na construção das relações e das formações. Lemos (2008) diz que é nesta dimensão do digital em rede e sua relação com os territórios físicos e informacionais, que nossas praticantes liberaram o polo de emissão (Lemos, 2008) das suas autorias. O polo de emissão é uma das Leis da cibercultura mais importantes, pois é neste estágio que a autoria possibilita que cada indivíduo seja um potencial e permanente emissor e receptor de informações, independentemente do local onde se encontre. Ou seja, estas cientistas trans/travesti encontram no Instagram uma forma “outra” de se apresentarem nos mais diferentes espaços formais e informais, visto a grande visibilidade e acesso desta rede.

A etnografia, oriunda da Antropologia, foi criada como uma forma de estudo cultural por meio de uma imersão profunda no campo estudado. Nesse sentido, a etnografia virtual (Hine, 2000), conhecida como webnografia, ciberantropologia, netnografia, etnografia digital, dentre outras, estuda as práticas sociais na internet e o significado destas para os participantes.

Importante destacar, que neste artigo, não irei apresentar os detalhamentos da etnografia, pois alguns ainda não encontram-se publicados, fazendo parte apenas do corpus da dissertação, disponível no repositório de teses e dissertações da UFRRJ. Pesquisar e etnografar desloca o autor para outros locais na pesquisa, aos quais destaco a sensibilidade nos detalhes, pois os movimentos

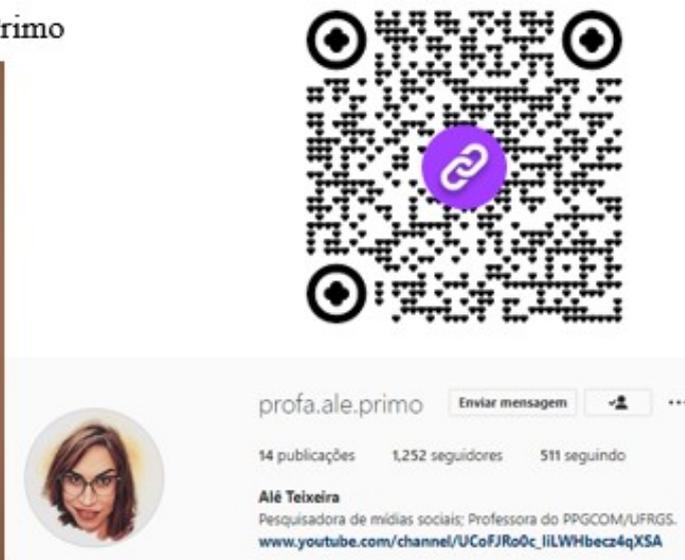
no ciberespaço são muitas vezes pontuais, locais e temporais, ou seja, podem se perder no meio das interações em questão de segundos. Para aqueles que buscam realizar pesquisas autoetnográficas ou etnográficas, Ellis e Adams (2014, p. 260) propõem princípios que são fundamentais para direcionar o pesquisador: 1) o “uso da experiência pessoal”, assumindo no decorrer do estudo o papel de pesquisador e de participante da pesquisa; e 2) “familiaridade com a pesquisa existente” sobre o assunto investigado.

Acompanhado destes princípios e todo envolvimento que uma etnografia necessita, o pesquisador necessita de instrumentos que permitirão registrar os movimentos e captar o vazio da pesquisa, como diz Rubem Alves (2005):

O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Os homens querem voar, mas temem o vazio. Não podem viver sem certezas. Por isso trocam o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.

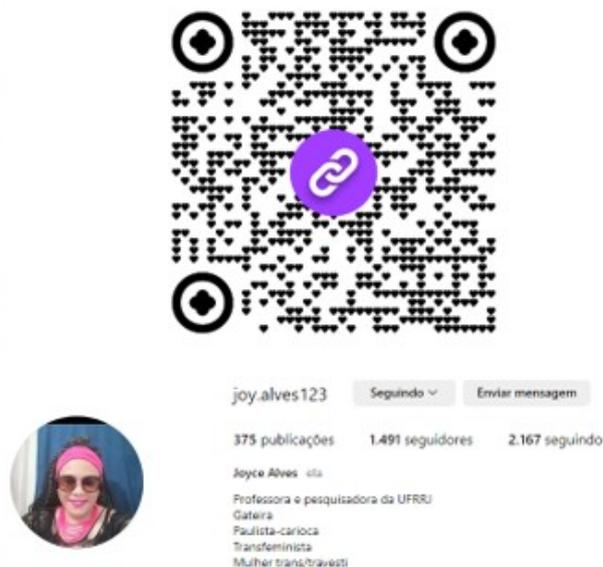
Ellis et al (2000) destaca que em uma pesquisa etnográfica os instrumentos que organizam o processo são a observação participante, o diário de campo e a entrevista de pesquisa qualitativa. Na minha pesquisa eu optei pela observação do praticante e do registro em diário de campo.

Figura 1 Fotografia da professora [Alê Primo](#)



Fonte: Instagram [@profa.ale.primo](#).

Figura 2. A sutileza de um corpo livre de normas



Fonte: Instagram @joy.alves123.

Figura 3| O olhar trans-multirreferencial



Fonte: Instagram @sarawagneryork.

Figura 4 | A representatividade de uma mulher



Fonte: Instagram / @brunabenevidex.

3 A epistemologia das Cientistas Trans/Travestis

Sofia Favero, cientista trans/travesti, em seu artigo “Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais” (2020), discute justamente sobre a mudança de posição de pesquisadas para pesquisadoras e o reflexo disso nas produções científicas. Na sua obra, a autora chama atenção inclusive para a importância da internet no surgimento dessa nova geração, diz que “não para afirmar uma ingênua ideia de democratização no acesso à internet, como se de fato tal mecanismo estivesse disponível para todos, mas para considerar essa variável na profusão de debates sobre transexualidade, travestilidade e transgeneridades na web” (p. 4), quer dizer de como as travestis vem se apropriando dos espaços que podem ser ocupados por elas para fazer acontecer essa “pesquisa de si”.

Sara Wagner York, Megg Rayara e Bruna Benevides (2020) em “Manifestações textuais (insubmissas) travesti (Manifesto Travesti)” buscam trazer “a celeridade das ações necessárias nos evoca o presente e o cotidiano, mas também uma perspectiva para abertura de futuros possíveis” (p. 2), para que cientistas trans/travesti estejam habitando as universidades na prática docente, na

pesquisa, na extensão e na afirmação de epistemologias que articulam a pluralidade nos mais diversos contextos da ciência brasileira.

A luta se pauta na ruptura de uma condicionante ciência que vincula qualidade a corpos teóricos europeus, brancos e machos. As epistemologias do norte precisam subverter as linhas abissais fundadas pelas epistemologias do Sul. Em (neo)maquinaria trans (Sara Wagner York Pimenta GONÇALVES Jr, 2019) é apresentado um modo de cooptação travesti para utilização deste sujeito(ad) nas instâncias neoliberalistas. Destaco o seguinte questionamento: **Uma travesti de sucesso adentra o mundo do trabalho formal sendo lida enquanto travesti? Uma Doutora Travesti adentra programas internacionais sendo travesti?**

No item 4 (Programa: um ato manifesto) do artigo “Manifestações textuais (insubmissas) travesti (Manifesto Travesti)”, Sara Wagner York, Megg Rayara e Bruna Benevides (2020), apresentam uma sequência de 20 pontos, que pontuo como políticas, para que possamos compreender a importância de deslocarmos os estereótipos do corpo trans/travesti, vejamos aqueles escolhidos por mim para dialogar com o meu texto:

- 1) *Não falem de nossos nós, por nós e/ou sem nós! (p.8)*
- 14) *Viveremos e as nossas trans-epistemologias também! (com sua inconsciência ou isenção diante dos nossos temas e demandas) (p. 9)*
- 17) ***Pesquisas: alimente a política da inserção, podemos escrever juntas/os/es/xs. Respeite o lugar de fala - fale a partir do que lhe toca e como lhe toca - isso significa ir além e (re)pensar (a sua pesquisa, seu objeto) seu olhar sobre a vida (p. 9).***
- 19) *Não somos violentas. Esse discurso alimenta os processos de exclusão das travestis dos espaços sociais, ainda que nossa “docilidade” fosse ensinada nas escolas, em nossas famílias e sociedade. Chega de “dar a outra face” (p. 9).!*

No item 17, as autoras falam sobre a importância de se pensar pessoas trans/travesti no lugar de cientistas e de pesquisadores, e não apenas e somente “pesquisadas”. Megg Rayara Gomes de Oliveira (2023), professora concursada da UFPR, em seu mais recente artigo “A COBAIA AGORA É VOCÊ!”, afirma que passamos a maior parte da nossa vida escolar, em todas as suas etapas, sentadas silenciosamente, lendo, ouvindo, as vezes debatendo, dentro de uma lógica muito parecida com pregações religiosas cristãs. Ainda, de acordo com Megg Rayara Gomes de Oliveira (2023) a falta de representatividade continua em operação no ensino superior e as poucas travestis e mulheres transexuais, negras e brancas, que conseguem chegar a essa etapa, não se reconhecem nas epistemologias que lhes são apresentadas e nas atividades desenvolvidas em sala de aula, reiterando, cotidianamente, a cisgeneridade branca heterossexual como norma.

4 Considerações Finais

Pesquisar e etnografar essas cientistas trans/travestis e articular epistemologias trans/travesti em toda a minha dissertação foi o meu propósito enquanto aliadas e pessoa não-binária, compreendida dentro da transgeneridade. A ciência brasileira ainda precisa compreender que pessoas trans/travesti produzem conhecimento multirreferenciais, em diversos contextos e espaços, e não somente em gênero e sexualidade.

Viviane Vergueiro (2015, p. 97) fala sobre a exclusão da ciência ao associar “pessoa trans” e “pesquisador ou pesquisadora”, destacando em sua tese a noção de “sabotagem epistêmica”, afirmando que talvez pareça arrivismo para algumas pessoas, porém acredito que enquanto *queerizar* a academia não significar, efetivamente, uma sabotagem epistêmica – uma fechação babado – em relação às caretices e miradas colonialistas e exotificantes em relação às diversidades corporais e de identidades de gênero, nossas resistências nos sistemas acadêmicos enquanto refúgio não deixa de ser criminosa (Viviane Vergueiro, 2015). Citem, produzam junto, mobilizem uma ciência plural e justa para todos, todas e todes. Por mais cientistas trans/travestis ocupando e subvertendo a ciência brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ELLIS, C.; ADAMS, T. E. The purposes practices and principles of autoethnographic research. In.: LEAVY, P. (Ed.). **The Oxford Handbook of Qualitative Research**. New York: Oxford University Press, 2014.
- FÁVERO, Sofia. Por uma ética pajubariana: a potência epistemológica das travestis intelectuais. **Revista Equatorial**, Natal, v. 7, p. 1-22, jan/jun, 2020.
- GONÇALVES JR, Sara Wagner Pimenta. “**As (Trans)Alianças e a Neomaquinaria**”. Carta Capital, 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/justica/as-transaliancas-e-a-neomaquinaria/>. Acesso em 14. nov. 2023.
- HINE, C. (2000) **Virtual Ethnography**. Longres: SAGE.
- LEMOS, André. As estruturas antropológicas do ciberespaço. In: **Cibercultura: tecnologia e vida**

social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. A cobaia agora é você! Cisgeneridade branca, como conceito e categoria de análise, nos estudos produzidos por travestis e mulheres transexuais. **Caderno Espaço Feminino**, 36(1), 157–178. <https://doi.org/10.14393/CEF-v36n1-2023-9>.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura.** 2ª reimpressão. Teresina: EDUFPI, 2019.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** Dissertação, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, n. 3, p. e75614, 2020.